

## GRAFITES EM ESCOLAS PÚBLICAS: POTENCIAIS EDUCATIVO E EXPRESSIVO

Renata Carvalho da Silva <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo fundamenta-se nos resultados preliminares de uma pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Iniciação Científica da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Essa pesquisa vincula-se ao Projeto Muros da Univer(c)idade: identidade, memória e sócio-história discursiva e tem como tema a influência pedagógica do grafite em contextos educacionais do Grande Recife. O objetivo é analisar, sobretudo com o suporte teórico dos estudos sociais, pedagógicos e do discurso, os potenciais educativo e expressivo dos grafites inscritos em escolas públicas da cidade de Recife. Abordaremos aqui o grafite como uma escrita sócio-histórica-discursiva presente no cotidiano das pessoas, bem como no cotidiano de algumas escolas públicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** grafite; identidade; educação.

**ABSTRACT:** This article is based on a research carried on in the Institutional Program of Scientific Initiation of the Federal Rural University of Pernambuco.

This research is bond to Project Walls of Univer(c)ity: identity, memory, and discursive socio-history, whose theme is the influence of pedagogical graffiti in educational contexts of Recife. The objective is to analyze, especially with the theoretical support of historical, pedagogical and speech studies, the social and pedagogical dimensions of graffiti of educational contexts of Recife. We will discuss here graffiti as social-historical-discursive writing present in people's daily life, as well as in everyday life of some public schools.

**KEYWORDS:** graffiti; identity; education.

### 1. Introdução

Todas as civilizações deixaram algo que nos servem como referência para investigar o que ocorria naquela época (MARCONDES, 2003) e, nessa perspectiva, a leitura do espaço é fundamental. Considera-se que o espaço não é um quadro neutro, um vazio matemático, ou algo inerte (VÉRAS, 2000), mas sim um espaço que reflete a sociedade, a história, as diversidades, os contrastes etc. Nesse sentido, a leitura das escritas urbanas, dentre elas a dos grafites, pode despertar um olhar voltado ao contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade e, sem dúvida, revelar-se um poderoso instrumento de formação cidadã pelo viés de construções identitárias co-instauradas por essas escritas. Resta saber como esse instrumento pode ser aplicado na esfera educacional, se terá aceitação e que resultado(s) trará.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e aluna-pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem (NIEL).

O grafite é uma expressão gráfica tipicamente urbana, que possui características subversivas e que, muitas vezes, é confundido com as pichações. O grafite, entretanto, ao contrário das pichações, não se ocupa apenas com a crítica social, mas vai além dela e busca a conscientização coletiva, o que contribui com soluções práticas para os problemas sociais (COSTA, 1999). Essas escritas são concebidas nesta pesquisa como relevantes fontes documentais, representativas dos sentidos da cidade, de seus contextos histórico, social e cultural e do imaginário dos sujeitos.

De acordo com Iapechino e Gomes (2007, p. 66), os “seus sujeitos-autores agiam clandestinamente, a partir do reconhecimento de seu trabalho e das articulações com autores dessas escritas em outros países, saíram do anonimato, frequentando, inclusive, galerias de arte e revistas especializadas”. Além dessa conotação – a de expressão artística –, a legalização do grafite, por volta da década de noventa, originou o chamado “*graffiti* comercial” ou “*graffiti* contratado” (COSTA, 1999). Essas mudanças geraram diversas controvérsias, levando seus defensores a considerar que elas, na prática do grafite, descaracterizavam o princípio subversivo dessas escritas.

Segundo Gitahy (1999, p. 86), “o *graffiti* se insere no *design* quando se transforma em arte utilitária satisfazendo as necessidades do mercado, ou quando se coloca a serviço de uma proposta com fim educacional”. Como reconhecemos essa finalidade e como, em nosso ponto de vista, os grafites podem despertar um olhar voltado para o contexto sócio-histórico-cultural de uma comunidade, mediante a análise de seus discursos, optamos por fazer uma abordagem sobre a existência de grafites em escolas públicas do Grande Recife e seus potenciais didático e expressivo, considerada sua aplicação como tema transversal em distintas áreas do conhecimento humano.

Para a realização dessa análise, fizemos um levantamento bibliográfico relativo à Análise do Discurso, à identidade, às escritas urbanas e suas relações de sentido e pedagógicas. Realizamos, ainda, entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, observações nas próprias escolas e utilizamos imagens fotográficas para leitura e reflexão acerca das possibilidades de aplicação pedagógica dessas escritas.

Ao longo da pesquisa, os resultados parciais têm sido apresentados em eventos de pesquisa e de extensão e os resultados finais serão publicados em um catálogo de escritas das escolas públicas de Recife, dentre as escritas dos muros da cidade. Com isso, pretendemos analisar as dimensões sociais e pedagógicas dos grafites em contextos educacionais do Recife.

## 2. Conhecimento prévio juvenil

*A priori*, fizemos entrevistas em uma escola da rede pública estadual da cidade de Recife, localizada na Comunidade de Chão de Estrelas<sup>12</sup>. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas e gravadas junto a seis alunos e alunas da quinta e sexta séries do Ensino

---

<sup>12</sup> Comunidade localizada no bairro de Campina do Barreto, na zona Norte da cidade de Recife.

Fundamental, com idades entre doze e treze anos, residentes na mesma comunidade. As perguntas foram as seguintes: “O que você acha dos grafites nos muros de sua escola? Por quê?”; “Quais as mensagens que você percebe nos grafites de sua escola?”; “Você acha que os grafites dos muros de sua escola modificaram alguma coisa no dia-a-dia escolar? Como? Por quê?”; “Os grafites dos muros de sua escola mudaram algo em você? Como? Por quê?”.

Os grafites fotografados e selecionados foram impressos em forma de pôsteres para a pré-divulgação da pesquisa e para a leitura e identificação dos alunos quanto a essas escritas durante as entrevistas, sendo cada imagem utilizada para a interrogação da segunda pergunta, considerando as interpretações pessoais de cada aluno entrevistado. Pretendemos lidar com os discursos dos entrevistados, considerada a bibliografia relativa à Análise do Discurso, as relações de sentido e de identidade presentes nesses discursos, no que diz respeito às questões sociais, e as possíveis relações pedagógicas dessas escritas /dos grafites, em sua transposição dos muros escolares para a sala de aula, como tema transversal de ensino.

Além disso, foram realizadas cinco observações em cada escola, com o intuito de perceber aspectos do cotidiano dessas escolas que expõem grafites com finalidade pedagógica e saber até que ponto isso influencia ou não a diminuição da proporção de casos de violência, depredação e desinteresse pelo cotidiano e pelo espaço escolar.

As questões levantadas pelos estudantes durante as entrevistas revelam conhecimentos prévios a serem aproveitados pela escola, pois denotam visões de mundo que antecedem o trabalho pedagógico. Afirmava Paulo Freire (1979) que, antes da leitura da palavra, está a leitura do mundo. Assim, a bagagem de conhecimentos de mundo que os estudantes carregam é essencial e indispensável para a sua própria formação. É necessário, portanto, não desconsiderar a visão de mundo dos estudantes e a percepção deles quanto ao espaço escolar e a presença dos grafites nos muros de sua escola, pois a leitura de mundo que eles possuem pode contribuir para o trabalho pedagógico dos docentes. Dessa forma, podemos identificar, junto aos professores das escolas-campo, quais as possibilidades de realizar um trabalho pedagógico que aproveite os grafites dos muros das escolas e as questões levantadas pelos estudantes, levando em conta as características sociais e discursivas dos grafites e seu potencial pedagógico.

### **3. O que revela os discursos dos estudantes**

A análise dos dados advindos dessas entrevistas denota dois aspectos a serem considerados: 1) a leitura e a compreensão dos grafites, levando em conta o acervo identitário dos alunos, ao discutirem os aspectos sociais nelas presentes, revelam uma relação dialogal na construção do sentido do texto (imagem) o que reflete a concepção que os sujeitos-leitores (alunos) têm de mundo, de seus valores, de suas crenças, enfim, de suas representações; 2) a percepção das relações estabelecidas entre os alunos e o espaço escolar em termos dos atos de violência e de desinteresse suscita discussões que

remetem ao papel que cada ator social pode desempenhar nos espaços de convivência educacional.

No que diz respeito ao primeiro tópico, a análise do grafite abaixo (figura 1) desencadeou diferentes percepções. Houve alunos que levantaram a questão afrodescendente, a democratização escolar, a integração e a diversidade de idade e de classe social e a valorização escolar. De suas falas, podemos destacar os seguintes fragmentos: “Quer dizer que a escola é aberta para todo tipo de pessoa”; “Essa imagem lembra o tempo antigo dos escravos”; “A escola também é para os mais velhos”. É bem certo que esses fragmentos revelam diferentes níveis de compreensão, mas todos eles expressam uma leitura sócio-histórica autorizada pela imagem geradora. O que podemos perceber é que, a partir dessa imagem, o professor poderia dar um encaminhamento pedagógico às discussões, o que ampliaria a função dos grafites, atribuindo-lhes maior potencial reflexivo com finalidade pedagógica dentro do contexto escolar.



Local: Escola em Chão de Estrelas – Recife. Autora: Renata Carvalho.

Quanto ao segundo tópico, as primeiras análises das entrevistas revelaram que, para os alunos, os grafites foram feitos para sensibilizar quanto à questão da violência na escola, ao combate às pichações nos muros, à educação patrimonial e ao uso de drogas, havendo quase um consenso sobre essa opinião. Dentre os depoimentos, destacam-se os seguintes exemplos: “O muro era todo pichado, agora está menos, e é mais bonito”, “Quer dizer que o homem deve acabar a violência”, “A quadra foi feita para jogar”.

Durante as cinco observações realizadas na escola citada, não foram constatados casos de violência nem de uso de drogas no cotidiano escolar, pelo menos no turno diurno. Foram estabelecidas regras escolares de conduta que são observadas pelos alunos. Essa é uma realidade que difere daquela externa à escola, visto que a comunidade de Chão de Estrelas é considerada um dos locais com alto índice de violência na cidade do Recife.

Pretendemos, ainda, fazer um trabalho junto aos professores, para tentar identificar as possibilidades de emprego dos grafites existentes na escola. Assim, esperamos contribuir com as discussões acerca das escritas da cidade e de suas possíveis aplicações pedagógicas, a partir do estudo do grafite como um recurso pedagógico, portador de traços identitários sócio-histórico e discursivos que retratam a realidade de escolas públicas do

grande Recife e que, por isso, estabelecem uma comunicação efetiva com o alunado dessas escolas.

#### 4. Grafite e identidade

Podemos perceber, mediante as respostas dos alunos às perguntas da entrevista semiestruturada, que eles identificam-se com o espaço escolar quando é caracterizado de acordo com a sua realidade. Segundo Oliveira (2001), identidade trata-se de uma construção cultural, isto é, caracterizada pelo conjunto de elementos culturais que o indivíduo adquire por meio de sua herança cultural. Sendo assim, esses indivíduos podem perceber a escola como um ambiente seu, um patrimônio pessoal e, por conseguinte, preservarem o espaço e incentivarem outros a fazerem essa preservação. Assim, também, a identificação com o espaço pode fazer com que essas crianças e jovens tenham interesse pela escola e pelo trabalho pedagógico realizado nela.

A territorialidade tem uma grande ligação com a identidade do indivíduo. O espaço pode refletir o que os indivíduos ocupantes dele pensam e vivem, considerados a sua cultura e os seus costumes. O grafite possui um forte teor discursivo, em que o sujeito-autor afirma sua existência e expressa sua identidade ou simplesmente demarca sua territorialidade num espaço que lhe é possível.

Assim, como nos guetos de Nova York e demais centros urbanos dos Estados Unidos, o Brasil abrigou a cultura *hip-hop* em que seus adeptos afirmam a identidade negra. Também em Recife formou-se nas favelas, em meio a uma enorme camada de pessoas excluídas da sociedade, o movimento *hip-hop*, como uma forma de se expressar (LUNA, OLIVEIRA, MENDONÇA & ASSIS, 2008).

Observamos que os jovens estudantes dessas escolas identificam os grafites, também, como uma forma de seu grupo expressar seus pensamentos e visão de mundo aliados às questões educacionais e à realidade de sua escola. “Incluído no movimento *hip-hop*, o grafite tem-se tornado, para a população periférica, forte instrumento de expressão político-social, uma vez que permite aos sujeitos-autores registrarem o seu espaço e a sua identidade na urbe a qual pertence.” (LUNA, OLIVEIRA, MENDONÇA & ASSIS, 2008. p.41). Portanto, os grafites, mediante seus signos visuais, expressam os anseios, a opinião e a percepção da realidade em volta de quem vive nas periferias das cidades, e, sendo assim, podem ser caracterizados como uma expressão cultural e social. Por meio dos grafites, os indivíduos relacionam o pertencimento à territorialidade e à identidade com seu grupo.

#### 5. Conclusão

O grafite vem sendo utilizado para tentar amenizar as problemáticas escolares mediante aproximação com a realidade do aluno, tornando-o parte do espaço escolar.

Percebemos, em nossas primeiras visitas às escolas, que os grafites contidos nos muros tentam incentivar a paz, a educação escolar e a sensibilização dos jovens e crianças daquelas comunidades sobre as questões de educação patrimonial.

Na construção da identidade, percebe-se que não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar essa realidade (FREIRE, 1988). Trata-se, então, de um trabalho de conscientização e politização, em que o aluno é sujeito ativo. O grafite pode despertar a comunidade escolar para essa emancipação por meio do potencial de expressão popular que possui e pela aproximação com a realidade e a identidade do aluno que proporciona.

Com isso, concluímos, até o momento, que a existência de grafites nas escolas públicas causa certa diferenciação no comportamento dos alunos e contribui para outra percepção sobre os ambientes da escola e sobre essas escritas por toda a comunidade escolar. No entanto, só demos os primeiros passos investigativos e há muito a ser discutido acerca da aplicabilidade dos grafites como recurso pedagógico em instâncias escolares.

## 6. Referências

COSTA, Leonardo Araújo da. **O produto gráfico da mídia muro na cidade do Recife**. Monografia apresentada à Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Programação Visual, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Primeiros Passos).

IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl e GOMES, Valéria Severina. As cidades nas escritas da cidade: identidade, memória e autoria. In: **RAÍDO**: Revista do Programa de PósGraduação em Letras da UFGD. Ano1, n.2 (jul. / dez. 2007). Dourados, MS: UFGD, 2007.

LUNA, Carlos Eduardo Falcão; OLIVEIRA, Fábio Alves de; MENDONÇA, Jhonnatta Gomes; ASSIS, Rodrigo Vieira de. O grafite: uma forma de expressão social. In: **Revista Encontros de Vista**, 2ª edição, 2008 - ISSN 1983-828X

MARCONDES, Marli. **Imagens coletivas**: fotografia e arquivos públicos. Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda, 2003.

OLIVEIRA, Eliana. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. **Revista Espaço Acadêmico** – Ano 1 – Nº 07 – Dezembro de 2001 – Mensal – ISSN 1519.6186.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Traçando olhares**: uma introdução à construção sociológica da cidade. São Paulo: Editora Stud Nobel; EDUC, 2000 (Coleção Cidade Aberta).

